

LITERATURA JUVENIL NO PNLD LITERÁRIO 2020: UMA ANÁLISE DE OBRAS SELECIONADAS NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA-PB

YOUTH LITERATURE IN THE PNLD LITERÁRIO 2020: AN ANALYSIS OF
SELECTED WORKS IN THE MUNICIPALITY OF JOÃO PESSOA-PB

Recebido em: 20 de outubro de 2023
Aprovado em: 5 de janeiro de 2024
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RCO | a. 16 | v. 1 | p. 42-58 | jan./jun. 2024
DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1.3518>

José Etham de Lucena Barbosa Filho etham1bf2@gmail.com
Mestrando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa/Brasil).
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1598-2307>

Daniela Maria Segabinazi dani.segabinazi@gmail.com
Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa/Brasil).
Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa/Brasil).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5344-775X>

RESUMO

O PNLD Literário estabeleceu-se como a maior política pública de fomento à leitura no âmbito nacional, substituindo seu antecessor, o PNBE. Entre 2020 e 2021, o projeto de pesquisa “PNLD Literário 2020 – Tendências da literatura juvenil” acompanhou o desenvolvimento e a efetivação do programa, proporcionando análises das obras que chegavam às escolas. Assim, o presente trabalho apresenta análises de obras selecionadas pelos professores do sistema educacional do município de João Pessoa através do PNLD Literário na sua edição de 2020. As obras analisadas fazem parte da literatura juvenil, um campo ainda em desenvolvimento no país, o qual também ainda carece de fortuna crítica no seu campo de estudos. A partir dos critérios de Antunes (2019) e Ceccantini (2020) as análises objetivaram parâmetros notáveis do gênero, a fim de avaliar a qualidade estética dos textos escolhidos, sendo eles: *Quando meu pai perdeu o emprego* (2018); *Irmão Negro* (2018); *Malala, a menina que queria ir para a escola* (2018); e *A face oculta: uma história de bullying e cyberbullying* (2018). No conjunto, as obras mostraram semelhanças na utilização de artifícios narrativos simplificados e, em alguns casos, uma despreocupação em proporcionar uma experiência estética aos estudantes os quais os livros são destinados.

Palavras-chave: Literatura juvenil. PNLD Literário. Cultura juvenil.

ABSTRACT

The PNLD Literário has established itself as the largest public policy to promote reading at the national level, replacing its predecessor, the PNBE. Between 2020 and 2021, the research project “PNLD Literário 2020 - Tendências da literatura juvenil” followed the development and implementation of the program, providing an analysis of the literary works that reached the schools. This paper presents an analysis of the works selected by teachers in the João Pessoa Education System through the edition of the PNLD Literário 2020. The works analyzed are part of the Youth Literature, a field that is still developing in the country and that still lacks critical fortune in its field of study. Based on the criteria of Antunes (2019) and Ceccantini (2020), the analysis aimed at notable parameters of the genre to evaluate the aesthetic quality of the selected texts: *Quando meu pai perdeu o emprego* (2018); *Irmão Negro* (2018); *Malala, a menina que queria ir para a escola* (2018); e *A face oculta: uma história de bullying e cyberbullying* (2018). Overall, the works shared similarities in their use of simplified narrative devices and, in some cases, a lack of concern for providing an aesthetic experience for the students for whom the books are intended.

Keywords: Youth literature. PNLD Literário. Youth culture.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa de Iniciação Científica “PNLD Literário 2020 – Tendências da literatura juvenil” desenvolvida no regime de 2020/2021. Esse projeto foi uma continuação do plano de trabalho iniciado no regime do PIBIC-UFPB de 2019/2020, no qual se procurou acompanhar o edital, o desenvolvimento e a efetivação da segunda edição do PNLD Literário. Por sua vez, as bases da pesquisa estavam fundadas em estudos feitos sobre primeira edição do programa em 2018. A principal diferença entre a primeira e a segunda edição foi o público-alvo de estudantes que o programa cumpria alcançar. Da maneira como foi proposto, o PNLD Literário 2018 estava voltado para obras da literatura infantil, enquanto em 2020, o objetivo eram as obras da literatura juvenil.

Os resultados então apresentados surgem da pesquisa PIBIC “LITERATURA JUVENIL E JOVENS LEITORES NO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO (PNLD/LITERÁRIO 2020)”, que consistiu em três planos de trabalho complementares, abordando o tema de forma distinta. Os objetivos desses planos foram: 1) realizar uma pesquisa Quantitativa para avaliar a abrangência do programa dentro da amostragem e universo de pesquisa; 2) conduzir uma pesquisa Qualitativa para compreender os referenciais teóricos relacionados ao público leitor juvenil; e 3) realizar uma pesquisa Qualitativa focada nos referenciais teóricos de análise literária da literatura juvenil como gênero, analisando e problematizando o *corpus* em questão. Este artigo aborda o terceiro plano de trabalho do projeto de pesquisa supracitado.

A pesquisa teve como objetivo a análise de obras literárias selecionadas pelo programa de fomento à leitura do FNDE como amostragem de uma tendência de seleção de obras para o público jovem. Isso foi possível devido à delimitação do programa, cujo escopo buscou conferir aos alunos cópias individuais dos livros selecionados; ao mesmo tempo, os professores são incentivados a trabalhar e elaborar atividade em cima dos textos selecionados, sendo atribuídos cartilhas e manuais dos professores preparados pelas editoras para o uso em sala de aula. Dessa forma, as obras selecionadas fizeram (e fazem) parte do repertório de leituras das escolas públicas do país inteiro. Entretanto, a extensão do programa impediria uma verificação massiva dessas tendências nas seleções das obras, fazendo com que o recorte da pesquisa se restringisse à rede municipal de João Pessoa, na Paraíba. O recorte nos permitiu analisar de perto muitos dos acervos enviados às escolas da cidade, fazendo um levantamento das obras mais comuns e dos acervos mais selecionados entre os professores.

Não caberia aqui especificar o que é e como se configura a literatura juvenil de maneira generalizada. Porém, ao tentar verificarmos uma tendência entre as obras selecionadas como parte de uma “literatura juvenil”, uma generalização precisa ser feita em respeito aos propósitos da pesquisa. Ou seja, denota-se

como as obras aqui analisadas fazem parte desse conjunto e como se configuram em relação ao restante. Para tanto, no percurso deste trabalho, trataremos brevemente da definição de literatura juvenil a partir de Antunes (2019), Ceccantini (2020) e Gregorin (2011), seguido de um cotejo dos elementos gerais do PNLD Literário e como se configurou o programa. Estamos de acordo com os dois primeiros autores quando defendem um posicionamento crítico e rígido diante de obras literárias destinadas aos jovens, adotando um rigor semelhante às obras da literatura adulta. Enquanto não se consolida uma literatura juvenil no país, precisa-se criar uma tradição e uma circulação de obras que tenham o amparo crítico, uma vez que se lida com textos usados na formação das próximas gerações de jovens adultos.

Nossas análises têm o objetivo de, por fim, posicionarmos-nos criticamente e avaliar as obras *Quando meu pai perdeu o emprego* (2018), de Wagner Costa; *Irmão Negro* (2018), de Walcyr Carrasco; *Malala, a menina que queria ir para a escola* (2018), de Adriana Carranca; e *A face oculta: uma história de bullying e cyberbullying* (2018), de Maria Tereza Maldonado, como forma de cotejo e avaliação terceira aos processos internos de seleção dispostos pelo edital do Programa. Os exemplares utilizados para análises foram aqueles enviados às escolas municipais de João Pessoa, na Paraíba, os quais se diferenciam quanto à qualidade gráfica e de impressão dos exemplares das mesmas obras comercializados em livrarias e na Internet.

1 LITERATURA (EPÍTETO: JUVENIL)

A especificidade do juvenil se assemelha à questão do destinatário na literatura infantil. Mesmo destinadas às crianças, obras infantis como *Memórias de Emília*, de Lobato, *Ou isto ou aquilo*, de Meireles, e *Além do grande rio*, de Armin Beuscher, podem comover e emancipar adultos e jovens. Em parte, a questão desenvolve-se por meio da não exclusividade do público - ela está aberta aos mais diversos leitores, embora sua configuração no momento de produção tenha estabelecido um leitor implícito destinado à criança. Por não ter sua especificidade restrita ao destinatário infantil, um autor como Monteiro Lobato, deixa de fazer parte da literatura infantil? Lógico que não. Segundo Benedito Antunes (2019), essa questão se agrava ainda mais na literatura juvenil, visto que além de possuírem obras que transcendem os limites de um leitor jovem, há de se discutir ainda sequer: o que é o jovem? Le Breton (2017) nos mostra como a categoria juvenil se define em seus limites sociais e representacionais nas mais diversas sociedades, assim também se distinguindo da fase de maturação fisiológica da adolescência, que pode ser definida por aspectos naturais do corpo humano. Ao contrário do adolescente, o jovem, segundo o

sociólogo francês, é bastante recente, tendo boa parte de sua história situada no século XX. Como então definir que público exatamente é o público jovem?

Outro lado da questão trata a assimetria de que as obras escritas para o público jovem são em sua maior parte escritas por adultos, o que leva a uma assimetria assinalada por Antunes:

De modo geral, todos os traços parecem situar-se na assimetria entre o escritor adulto e o leitor jovem. Essa assimetria faz que o escritor se dirija a alguém que não dispõe do mesmo conhecimento ou experiência que ele, levando-o a mostrar-se condescendente com seu destinatário ou dar-lhe explicações e conselhos (Antunes, 2019, p. 17).

Tal assimetria a essa altura já se tornou parte da literatura dita juvenil. A tarefa dos escritores de livros juvenis desdobra-se nas formas de tentar sanar essa assimetria sem que a obra pareça pender entre os extremos do condescendente e o hermético. Antunes cita então uma série de características presentes em livros direcionados aos jovens como formas encontradas pelos escritores de se aproximarem do seu público, entre elas: a cumplicidade, a linguagem agradável, o humor, aventuras, trama policial e mistério, erotismo, informação cultural, e bom exemplo. Tais características, admite o pesquisador, fazem parte de obras literárias em geral, mas nos textos voltados ao público jovem elas assumem uma função aproximativa entre escritor e leitor.

Em outro caso sobre a questão, a tese de Luís Ceccantini (2000) tornou-se referencial teórico ímpar nos planos de trabalho sobre literatura juvenil, pois fornece uma visão geral das metodologias e do estado da arte da literatura juvenil no Brasil. Além disso, a pesquisa traz em seus resultados posicionamentos críticos firmes sobre a qualidade de obras e as premiações da literatura juvenil. O trabalho sistemático realizado na tese teve como objetivo analisar a produção premiada de obras literárias direcionadas aos jovens leitores brasileiros, levando em consideração os critérios de análise literária específicos desse gênero e público.

Ceccantini (2000) justifica a relevância de uma pesquisa do tipo, uma vez que os clássicos da literatura juvenil ainda não haviam sido estudados de forma sistemática, resultando em uma dispersão sobre o tema e sua capacidade de desenvolvimento. Ele destaca que, na literatura atual, há amplas brechas, principalmente devido ao rápido aumento do número de escritores e à acelerada publicação de livros. Essas características são típicas dos fenômenos de mercado e da "indústria cultural" que cercam a literatura voltada para jovens e crianças. Assim, percebe-se que, durante o período em que o estudo foi desenvolvido, havia um descompasso entre a crescente produção de literatura infantojuvenil e o referencial teórico que, em sua maioria, ainda carecia de sistematização, apesar de existir esparsamente.

Outro aspecto importante é a abordagem analítica adotada, que tinha respaldo sociológico. A análise das obras selecionadas estava fundamentada em teorias sociológicas e culturais sobre a categoria jovem, conforme já abordado por Gregorin (2011). Nesse sentido, a literatura juvenil é considerada uma produção cultural inserida na cultura de massas, juntamente com outras expressões culturais, com origens históricas no século XX. Portanto, é necessário considerar a relação entre os jovens e a categoria adulta, levando em conta a diversidade de padrões que os jovens possuem no mundo atual, a fim de compreender suas atitudes e expectativas em relação aos adultos (Gregorin, 2011).

Essa tensão entre as categorias juvenil e adulta é descrita como um dos principais conflitos enfrentados pelos jovens e reflete as dificuldades nas relações entre pais e filhos, temas frequentemente abordados no cinema e na literatura. Catani e Gilioli (2008) ressaltam que há outros aspectos conflituosos no espaço juvenil, como as condições econômicas, as diferenças de classe social e as ocupações de espaços políticos, que desempenham um papel significativo no Brasil desde a década de 1950. A juventude está profundamente enraizada em fundamentos sociais e culturais, tornando difícil vê-la como uma condição normal do ser humano.

2 LITERATURA JUVENIL PELO EDITAL DO PNLD LITERÁRIO

Na edição de 2020, o PNLD Literário mirava a aquisição e distribuição de livros de literatura para os anos finais do Ensino Fundamental II, enquadrando, em uma estipulação média (e ideal), estudantes entre 11 e 14 anos de idade. O edital do FNDE (Brasil, 2018) distingue as obras em categorias, por sua vez, separadas em uma ou mais temáticas, tal como discriminadas na tabela 1. Além disso, seriam escolhidas duas obras de cada categoria para fazerem parte do livro individual do aluno.

Tabela 1 – Categoria 1 e categoria 2

CATEGORIA 1 (6º e 7º anos)	CATEGORIA 2 (8º e 9º anos)
Autoconhecimento, sentimentos e emoções;	Cultura digital no cotidiano do adolescente;
Família, amigos e escola;	Conflitos da adolescência;
O mundo natural e social;	Encontros com a diferença;
Encontros com a diferença;	Sociedade, política e cidadania;
Diálogos com a história e a filosofia;	Diálogos com a história e a filosofia
Aventura, mistério e fantasia;	Ficção científica, mistério e fantasia;
Outros temas.	Outros temas.

Fonte: FNDE

Também as obras literárias são separadas em “gêneros”, que incluem: a) poema; b) conto, crônica, novela, teatro e texto da tradição popular; c) romance; d) memória, diário, biografia e relatos de experiência; e) obras clássicas da literatura universal; f) livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos. Por si só, o critério de gênero escolhido pelo edital pode ser questionado, pois certamente uma ou duas das categorizações acima citadas podem ser sobrepostas, como é o caso de e), que não descreve um gênero, mas uma convenção vária de obras, incluindo romances, poemas, contos etc.; e outras como a b) certamente abrigam itens conflituosos como o texto dramático, a narrativa curta, a crônica e o texto da tradição popular, sendo o último sequer definido ao longo do edital.

Pontes (2020) analisa em detalhes os avanços e temas que se consolidam com o PNLD Literário. Entre eles, o pesquisador destaca os critérios de seleção das obras: a qualidade do texto, a adequação temática, o projeto gráfico-editorial e a qualidade do manual do professor. A propósito desses critérios, destaca-se a atenção para dimensão estética do texto literário no primeiro critério, que também se combina ao segundo ao precisarem se encaixar nos temas específicos citados acima.

Com os detalhamentos dos temas, esse caráter plural do edital fica mais evidente com expressões como “construção da identidade e processos de amadurecimento”, “conflitos e aprendizagens advindos da interação com o outro”, “necessidade de um convívio democrático”, “valorizando-se o trabalho estético e imaginativo dos temas”, “problemáticas relativas à adaptação e ao pertencimento”, enfim, fica evidente a busca por construir um leitor que conheça diversas realidades, saiba respeitá-las, mas que saiba, ao mesmo tempo, apreciar um bom texto. Não se trata de ensinar pedagogicamente, mas de mostrar possibilidades que levem à reflexão e à construção dos próprios conceitos e caminhos do jovem leitor (Pontes, 2020, p. 268).

Reconhece-se, portanto, a importância temática na seleção de obras do PNLD Literário. O programa em seu edital promete uma diversificação e uma atenção aos temas relevantes da sociedade contemporânea, buscando obras que cubram os aspectos sociais de interesse dos jovens ao mesmo tempo que deem abertura às possibilidades da literatura e do ensino. Entretanto, devemos perguntar: essa visão se reflete nas obras analisadas a seguir?

3 ANÁLISE DAS OBRAS

TÍTULO: QUANDO MEU PAI PERDEU O EMPREGO (2018) – CATEGORIA 1 / GÊNERO: CONTO, CRÔNICA, NOVELA, TEATRO, TEXTO DA TRADIÇÃO POPULAR / TEMA: FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA.

Quando meu pai perdeu o emprego, de Wagner Costa, apresenta uma trama que aborda a queda financeira de uma família de classe média alta após o pai ficar desempregado. Semelhante *A face oculta*, o livro tem 95 páginas, divididos em dezoito capítulos e nenhum epílogo, além de uma mensagem final do autor explicando o livro e confortando os jovens leitores. Diferentemente de como veremos adiante, Wagner Costa se refere ao seu destinatário como “Jovem leitor amigo”, reconhecendo seu público-alvo. Os quatro irmãos, Pepê, Betão, Ju e Caró, enfrentam o desafio de lidar com a renúncia dos luxos aos quais estavam acostumados, enquanto tentam ajudar a família a se sustentar durante esse período difícil. A narrativa foca nas dificuldades e impactos que a crise familiar causa nos jovens, tornando-os portavozes das aflições da família. No entanto, é notável que a obra busca oferecer um “choque de realidade” ao leitor, alertando sobre a possibilidade de enfrentar situações semelhantes e a importância de estar preparado para quando do gênero acontecer na sua família. Todavia, essa abordagem muitas vezes se torna condescendente e infantilizada, não oferecendo uma reflexão mais profunda sobre as questões tratadas.

A construção estética do livro é simples, com poucos recursos simbólicos, exceto pela analogia da “Nave Azul”, que representa a família embarcando em uma aventura coletiva, onde todos precisam se ajudar mutuamente. Os conflitos geralmente são resolvidos de forma fácil, por meio da intervenção de um personagem secundário, o avô, que pouco aparece na narrativa. Isso resulta em soluções simplificadas para problemas complexos, diminuindo o impacto da história. Ao mesmo tempo que pretender dar um “choque de realidade” no leitor, o livro pouco se esforça em mostrar perigo ou preocupação com as circunstâncias da família. A Nave Azul, por exemplo, traz um conforto plástico de que tudo vai ficar bem, mesmo que no final das contas não esteja. Narrado em primeira pessoa, Pepê pouco parece aflito com a situação toda e na verdade parece aceitar tudo facilmente, sempre tratando tudo como percalços dos “tripulantes da Nave Azul.” O que leva a uma das facilitações do texto de Costa, o avô. São recorrentes as passagens nas quais o avô aparece para salvar a todos, explicar o que está acontecendo e acalmar os ânimos do narrador:

Posso dizer que nos três dias em que o vovô esteve entre nós o clima ficou mais calmo. Ele explicou para mim e para o Beto o que significava o desemprego do papai e deixou

claro que não era vergonha nenhuma. Falou que tivéssemos cuca poderíamos aprender muita coisa boa. Explicou tudo também para a Ju e a Caró e, imitando latidos, conversou até com o Botina. O velho é o maior barato! (Costa, 2018, p. 7)

Após essa primeira parte da história, quando a notícia do desemprego do pai se torna uma realidade na família, a solução levada à cabo é “vender pastel na feira.” Há, então, toda uma sequência de capítulos que preenchem boa parte da história em que a família “dá duro” e a aprender a viver sem as “mordomias”, e que a recompensa virá caso eles continuem acreditam e unidos durante esses tempos difíceis.

Entretanto, é preciso ressaltar o uso do narrador em primeira pessoa como recurso literário que aproxima o leitor da história. Ao escolher um narrador personagem da idade do leitor-alvo, Costa consegue dar uma abertura maior para os jovens se inserirem. A escolha também afeta a linguagem do texto, que é conciso, direto e mescla algumas gírias das gerações mais novas com a clareza da voz do narrador. Mais fácil ainda é se colocar no lugar de Pepê que confia ao leitor o que aconteceu com sua família e narra cautelosamente suas reações. Há, porém, algumas questões notáveis como a inconstância na narrativa. Enquanto Maldonado parece gostar da narração e usar os diálogos apenas quando necessário, sabendo espaçar o que acontece com o que se diz, Costa mostra algumas inconsistências: as vezes um capítulo só tem narração, outros parecem apenas ter diálogos, como é o caso do capítulo 5. De forma que Pepê é inconstante também na sua interferência na narrativa, ora mais conectado com a ação, ora apenas observador.

Além disso, a representação da cultura jovem no livro é insuficiente, focando principalmente em temas amorosos que pouco refletem as ansiedades e realidades enfrentadas pelos jovens em suas vidas cotidianas. A abordagem do desemprego também é superficial e distante da realidade encontrada nas escolas públicas, onde muitos estudantes já vivenciam essa questão em suas famílias. O livro não consegue estabelecer familiaridade com esse público-alvo, que não possui os altos padrões de consumo retratados na história.

Ao explorar mais a fundo a questão do desemprego, percebe-se que a obra não contempla a realidade mais ampla do problema. A família do livro, oriunda de uma classe média privilegiada, encontra poucas dificuldades em se restabelecer, o que não reflete a dura realidade de grande parte da população atendida pela rede pública de ensino. Para muitos alunos, o desemprego é uma ameaça constante e desesperadora, e a narrativa não aborda adequadamente a complexidade desse fenômeno econômico e social. O tratamento dado ao desemprego também é problemático, pois o livro insiste em retratá-lo como um evento de azar, uma situação repentina e sem aviso, cuja superação depende apenas do esforço da família. Essa visão simplista ignora a complexidade do problema, que envolve uma série de

fatores sociais e econômicos. A narrativa não aborda questões estruturais ou sistêmicas que podem contribuir para o desemprego e não oferece uma perspectiva realista sobre como superar essa situação.

Em resumo, *Quando meu pai perdeu o emprego* (2018) aborda uma temática importante sobre as crises familiares e seus reflexos nos jovens, mas peca ao tratar superficialmente o desemprego e ao apresentar soluções simplistas para problemas complexos. Além disso, a falta de representatividade da realidade da maioria dos leitores jovens brasileiros torna a obra distante e pouco sensível ao público a que se destina. Ademais, cabe perguntar se a abordagem meritocrática escolhida para o livro não reflete uma condição imposta socialmente de que o esforço individual no núcleo familiar consegue solucionar problemas estruturais do capitalismo liberal?

TÍTULO: MALALA, A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA (2018) – CATEGORIA 1 / GÊNERO: MEMÓRIA, DIÁRIO, BIOGRAFIA, RELATOS DE EXPERIÊNCIAS / TEMAS: ENCONTROS COM A DIFERENÇA; FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA.

Passamos agora para *Malala, a menina que queria ir para a escola*, que já inicia com uma carta ao leitor curta e direta. A autora usa com inteligência o espaço para convidar leitores e leitoras para conhecer a história de Malala, levanta questões em torno da personagem e lança perguntas sobre o papel da escola em nossa vida. Diferentemente das outras cartas, essa parece mais próxima de um convite à leitura em vez de um resumo ou explicação da história. O mesmo pode ser dito do prefácio no qual a escritora conta como ela veio a conhecer a Malala e do que foi necessário para isso acontecer. A sensação de perigo e transgressão geram uma urgência que nos faz querer ler mais.

O livro é uma biografia da ativista paquistanesa Malala Yousafzai. A narrativa adota um tom jornalístico, sendo a narradora a própria Adriana Carranca, autora do livro, que explora a luta da protagonista pelos direitos dos jovens de ir à escola no Paquistão, principalmente o acesso à educação em meio à revolução e à crescente segregação das mulheres. De início, percebe-se que a abordagem do livro apresenta uma defasagem entre o tom utilizado, o tema tratado e o público-alvo a que se destina. Carranca anda em uma corda bamba entre o informativo e o narrativo, mas se sai bem em chamar a atenção do leitor para a história. Entre as obras aqui analisadas, é a única de não ficção, o que não necessariamente a exclui do fato de ser literatura ou não, pois a proposta está alinhada com o processo de adaptação de uma história conhecida mundialmente, porém agora é contada mediante uma linguagem acessível aos jovens estudantes brasileiros. A autora se utiliza de algumas estratégias para fazer o leitor acompanhar a história sem precisar pesquisar nomes ou fatos históricos citados no texto, ora explicando

ao longo do corpo do texto, ora em notas de rodapé explicativas sobre a cultura paquistanesa e sua história, que acabam conferindo um caráter mais informativo do que artístico à narrativa.

Em geral, a sensação é de que o livro é um produto comercial que busca se aproveitar da fama da personagem histórica e da importância de sua luta como estratégia de vendas. Embora seja possível realizar uma adaptação literária da vida de Malala para o público juvenil, nesta obra em questão, a história da ativista parece ser a única justificativa para sua leitura, sem oferecer outros elementos composicionais ou estéticos para uma análise mais profunda. As personagens, com exceção de Malala e da narradora, são pouco desenvolvidas e vagas ao longo da trama.

É difícil dissociar essa perspectiva comercial do livro, uma vez que sua proposta como literatura juvenil é minimamente cumprida. A obra é insuficiente ao não conseguir contar uma história que seja envolvente ou que instigue reflexões no leitor. As questões relacionadas à personagem histórica de Malala parecem estar prontas e pouco são aprofundadas ao longo do livro – Malala é uma figura importante *porque sim*, porque ela já é importante, não por conta de algo mostrado ao longo do livro narrativamente.

Seria necessário, portanto, uma revisão mais cuidadosa da abordagem e da linguagem utilizada, buscando tornar a narrativa mais envolvente, emocionante e acessível ao público jovem. Além disso, seria enriquecedor explorar outras facetas das personagens e aprofundar as questões levantadas ao longo da história, de modo a proporcionar uma experiência literária mais significativa e enriquecedora para os leitores. Dessa forma, a obra poderia cumprir verdadeiramente seu propósito enquanto literatura juvenil e contribuir para o desenvolvimento cultural e educacional dos jovens leitores.

TÍTULO: IRMÃO NEGRO (2018) – CATEGORIA 2 / GÊNERO: MEMÓRIA, DIÁRIO, BIOGRAFIA, RELATOS DE EXPERIÊNCIAS / TEMAS: ENCONTROS COM A DIFERENÇA; FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA.

Leo é um menino branco de cabelos loiros que vive as tribulações comuns para um garoto de 12 anos de idade, mas ele possui um grande desejo, ter um irmão. Quando a sua tia distante morre e seu filho único órfão, Sérgio, o desejo de Leo é realizado e agora ele tem irmão, completamente diferente dele e alheio as vivências comuns dos adolescentes. Sérgio é negro e teve uma vida miserável até o momento, devendo Leo, o narrador, aprender a lidar com seu irmão e ajudá-lo com o racismo que ele sofre dos colegas. Os conflitos raciais são bem colocados, mas não bem desenvolvidos. Apesar de lidar com um tema sério e que pode afligir muitos jovens, Carrasco evita o jargão que seria necessário para tratar o assunto. Por exemplo, a palavra raça não é citada em nenhum momento, tornando todo o conflito uma questão de cor, quando na verdade é bem mais complicada que isso. A decisão de narrar a história pela

perspectiva de Leo, o irmão branco que não sofre o racismo de Sérgio, é um pouco duvidosa, pois não dá a visão necessária que o problema exige e que merece ser tratado.

Muitas vezes, Sérgio parece não ter protagonismo sobre o próprio conflito que vive; o conflito, por outro lado, é vivido por Leo que “sofre” por ter de aceitar o irmão negro, o que não faz sentido algum e não justifica a narrativa. Como obra voltada para alunos mais velhos, há a presença de violência explícita na obra, embora ela seja usada para o efeito de choque mais do que como casualidade lógica da narrativa e do conflito dos personagens. As ilustrações não apelam para o gosto juvenil, sendo constituídas por montagens e recortes de fotografias que pouco combinam e criam uma composição destoante com o texto. Alguns elementos da cultura juvenil de classe média são evidenciados ao longo do livro como os videogames, o futebol, a turma de amigos do colégio, as idas aos shoppings centers etc. No entanto, esses aspectos são tratados com distância, não aparentando ser de fato o relato de um jovem, visto que Leo é o narrador. Algo que denota essa distância é o fato de algumas gírias e estrangeirismos típicos do vocabulário e jargão juvenil estarem sublinhadas em destaque, como se precisassem denotar que são gírias. Ora, se o público juvenil é o principal alvo do produto, como explicar esse apontamento explícito da alienação do autor sobre a cultura que está tratando? Essa problemática incorre sobre uma questão maior da literatura juvenil, que é fato de ser constituída por obras escritas por adultos para os jovens, e não dos jovens para eles mesmos.

Por ter sido escrito nos anos 1990, o livro destoa bastante da cultura juvenil atual. Isso se deve ao fato de a cultura jovem estar atrelada ao consumo de massas ou ao consumismo. Jovens de diferentes épocas consomem produtos diferentes e almejam certos itens distintos. Aqui, isso é simplificado pela atitude de Leo, acostumado ao que consegue comprar a partir de seus pais. Isso não é retratado sobre Sérgio, cujo racismo que sofre não reflete nos seus próprios padrões de consumo enquanto jovem, mas nos de Leo.

**TÍTULO: A FACE OCULTA: UMA HISTÓRIA DE BULLYING E CYBERBULLYING (2018) –
CATEGORIA 2 / GÊNERO: CONTO, CRÔNICA, NOVELA, TEATRO, TEXTO DA TRADIÇÃO
POPULAR / TEMA: CULTURA DIGITAL NO COTIDIANO DO ADOLESCENTE.**

Não por acaso, a análise de *A face oculta* se estende por conta da natureza particularmente problemática do livro como um todo. Portanto, achamos melhor um cotejo cuidadoso com o tema retratado pela autora, levando em conta que o texto será utilizado em salas de aula não só da capital paraibana, mas em todo o Brasil. Devendo, por isso, um espaço maior nesse trabalho.

O livro começa com uma mensagem da autora aos jovens leitores no formato de uma carta introdutória. Os pequenos parágrafos servem de introdução à obra de maneira a contextualizar os alunos sobre o que motivou a autora a escrever sobre esse assunto. A motivação em caso é a de sintetizar as histórias de bullying e cyberbullying que a escritora (psicóloga de formação) ouviu ao longo dos anos. As “cartas ao leitor” são comuns nos livros juvenis, principalmente na longa lista de títulos do PNLD Literário; elas aparecem no começo e ou no final do volume. A moral da história, o tema central, além de constarem no título são previamente apresentados aos leitores jovens. Não seria melhor que os alunos por si só pudessem deduzir isso? Aliás, é questionável até mesmo a opção pelo subtítulo. *A face oculta* não cria mistério o suficiente nos leitores para incentivá-los a descobrir algo novo ao longo da história?

Na nossa leitura, a existência do subtítulo parece estar relacionada com a própria forma de escolha do PNLD Literário. Muitas vezes os professores das escolas públicas não têm tempo de ler tantas obras, cotejar uma a uma e selecionar as melhores. Por isso, é comum que os títulos e subtítulos deem uma ideia geral do que se trata a obra tematicamente. Pense bem nos títulos das obras que estamos analisando nesse trabalho: *Malala, a menina que queria ir para a escola; Irmão Negro; Quando meu pai perdeu o emprego*. Nota-se o padrão? Isso, no entanto, não é um demérito imediato do valor da obra, mas insiste na ideia de que as assimetrias e alguns formatos do próprio programa atraem obras que tratam os leitores jovens com condescendência, como se tudo precisasse estar explicado. Assim como na literatura adulta, o título deve ser atrativo, deve deixar um quê de interrogação ou instigação. Afinal, ao contrário do que se fala no popular, julga-se (e com muita frequência) os livros pelas capas.

O livro é curto, menos de 100 páginas divididas em onze capítulos e um epílogo. Além disso, possui um glossário com palavras e expressões anglófonas comuns no mundo da informática (*site, lan house, bullying, cyberbulling, online* etc.), hoje já bastante conhecidas com a crescente digitalização da sociedade. A autora não perde tempo em criar paralelos entre a situação da protagonista Luciana e o resto da sua família. O livro começa com o seguinte parágrafo:

O domingo de Carnaval começou radiante: calor, mar com poucas ondas, água transparente, céu azul. Alzira e Leandro acordaram às seis da manhã para fazer uma caminhada a passos rápidos no calçadão de Copacabana. Para eles, esse era o melhor modo de começar o dia, mesmo em fins de semana e feriados. Mas não para a filha deles, Luciana, de 13 anos, que toda noite ficava até tarde entretida com jogos on-line, conversando com os amigos pelo computador, e detestava acordar cedo (Maldonado, 2018, p. 7).

O primeiro capítulo se chama “A Inimiga do Sol” e narra um domingo de Carnaval na casa de Luciana. Seus pais têm prazer e tentam incentivar em Luciana o exercício físico, a brincadeira ao ar livre e que

a filha saia de casa com amigos ou convide-os para lá. Entretanto, Luciana prefere ficar em casa, usar o computador, jogar jogos eletrônicos, conversar com os amigos virtualmente etc. Continuamente se faz alusão dos “efeitos” causados pelo excesso do uso do computador de Luciana: acorda tarde, não toma café, pula as refeições e só come as sobremesas. O comportamento de Luciana só encontra defesa pelas palavras de sua avó, Dona Vera, que acha normal o comportamento da adolescente, palavras estas que geram atritos entre a avó e Alzira, mãe de Luciana. Não bastasse a caracterização desfavorável de Luciana feita incessantemente ao longo do primeiro capítulo, os pais de Luciana chamam-na de “zumbi”, por ficar o tempo todo olhando para o celular.

Outro problema e talvez fundamental no livro é a forma como Maldonado entende o bullying nas escolas. Às vezes, como acontece ao longo do terceiro capítulo “Perseguição implacável”, entende-se que o bullying de Marcelo sobre Luciana acontece em decorrência dos problemas familiares e domésticos de Marcelo, cujos pais se separaram e, agora, ele precisa dividir a atenção da mãe com os seus meios-irmãos. A partir desse relacionamento complicado em casa, as angústias de Marcelo seriam transpostas em uma atitude de violência verbal para com Luciana. Porém, na narrativa, isso ocorre de maneira pobre. Ao final do capítulo, os pais de Marcelo, Heitor e Iracema, decidem mudar o filho de escola, indo parar na turma de Luciana. E a atitude violenta nasce do seguinte trecho:

E foi assim que ele passou a ser colega de turma de Luciana, escolhendo-a de imediato para ser alvo de ataques: “Nunca soei pesado uma menina, deve ser muito divertido, vou experimentar!”, pensou, assim que a viu encolhida e adormecida, escondendo os quilos a mais sob um vestido preto e largo (Maldonado, 2018, p. 27).

Da forma como foi colocado, o bullying quase se assimila a uma atividade predatória, como se o impulso partisse de uma vontade individual de Marcelo em fazer mal à colega. Algumas questões precisariam ser desenvolvidas para solucionar o parágrafo de mal gosto: por que escolher Luciana? Se autora estabeleceu que Marcelo agia da seguinte forma porque andava em grupo, por que agora que ele anda sozinho em uma escola nova ele decidiu agir assim? É inverossímil pensar que isso aconteceria assim de uma hora para outra.

Nos dois capítulos seguintes, descreve-se a paranoia de Luciana por conta das ofensas anônimas de Marcelo enviadas por mensagens de bate-papo, SMS e chamadas de voz. O tom sobre o bullying adotado pelo livro pior quando o “terror” sentido por Luciana é associado ao... terrorismo. Uma breve cena no capítulo cinco narra as tentativas da protagonista de identificar qual colega de sala é o “homem-bomba.” A analogia persiste e a insegurança de um “ataque terrorista” continua sendo associada a “ataque” de um agressor anônimo da Internet. A intenção é justa, porém, de tantas as possíveis analogias

para o sentimento de desamparo, terror, desconforto, assombro, retração e fragilidade ante um agressor invisível, o que justifica exatamente uma analogia com o terrorismo? Aliás, usando-se o senso comum, qual adolescente de 13 anos de idade usa terrorismo como analogia? Para uma criança que passa muito tempo em jogos eletrônicos, faria sentido que analogias com o mundo digital fossem mais suscetíveis numa situação como essa.

Esse e tantos outros elementos do texto de Maldonado corroboram a visão de Benedito Antunes quando à assimetria da literatura juvenil, que tem um desencontro entre o autor adulto e o leitor jovem. É importante lembrar que não se deve exigir do autor um compasso e uma atenção à cultura juvenil contemporânea, ao repertório cultural do receptor. Do ponto de vista da recepção do texto literário, seria exigir que o autor fosse igual ao leitor ideal de seu texto, o que se sabe impossível, entretanto, um mínimo de verossimilhança deve ser possível para que a obra e o leitor possam se encontrar.

Narrativamente, a história parece perder o foco em Luciana e dar protagonismo a outros personagens. Há uma clara caracterização que separa as personagens em agressores e vítimas, alternando-se os pontos de vista, embora em nenhum momento se alongue em explicações sobre essas caracterizações e seus porquês. As respostas são simples e rápidas: Marcelo é agressor porque antes foi vítima; Gil é agressor porque segue facilmente as ideias dos outros; Leonardo é agressor porque tanto seu irmão como o seu pai aponham o que ele faz, ou seja, o seu comportamento vem de casa. Em sua maioria, as caracterizações são feitas de maneira unidimensional, uma vez que as personagens agem da maneira que agem porque só assim a história progride, tendo muitas das soluções fáceis e acidentais.

A unidimensionalidade das personagens resulta em uma visão simplista sobre o bullying e o cyberbullying, algo nada diferente do que encontraríamos em uma cartilha. Personagens como Bruna e Henry falam como se fossem dois adultos psicólogos especialistas em bullying escolar, tendo respostas prontas, mas pouquíssimas explicações sobre as razões do bullying ocorrer. O maior interesse é ser panfletário, dar exemplos de como essas agressões ocorrem nas escolas, como são combatidas e como os alunos devem agir. A história e os personagens parecem apenas o enchimento de uma palestra sobre o assunto, podendo levar a uma rejeição do leitor por não ser instigante, ou porque os mistérios se solucionam sozinhos, além de ser despidoradamente informativo, sem se embasar em técnicas e artifícios literário para contar uma história que marque bem a mensagem que quer passar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil e a aquisição de livros literários juvenis é de suma importância para o ensino de leitura na escola pública. Pesquisas voltadas para essa área são necessárias para compreender as estruturas de circulação e distribuição de livros no país, além de possibilitar um *corpus* delimitado para a investigação de um determinado gênero e a própria problematização deste – a literatura juvenil. Ao fim da pesquisa, podemos propiciar conhecimentos acerca da literatura juvenil enquanto gênero literário protagonista em uma política pública de fomento à leitura como foi o PNLD Literário 2020; reunimos material teórico que poderá embasar novas pesquisas voltadas para os aspectos sociológicos, culturais e até psicológicos da juventude e sua literatura; discutimos os pressupostos teóricos da área e levantamos critérios baseados em estudos prévios feitos em teses de doutorado e monografias em livro, podendo serem utilizadas como base em próximas edições do programa.

Por fim, foram feitas as análises de maneira geral do *corpus* disponível, sob luz de novos aportes teóricos, ainda sem a elaboração de critérios mais sistemáticos para essas leituras. No geral, identificamos semelhanças entre as obras embora não se possa dizer que mostrem uma tendência; vê-se comum as facilidades narrativas ou *deus ex machina* que surgem para solucionar os problemas dos protagonistas bem antes do final do livro; ademais, as temáticas pareciam dispersas e com frequência estavam vagamente relacionadas com a história, como se os livros apenas quisessem preencher os requisitos do edital, sem estarem preocupados ultimamente em proporcionar uma experiência estética aos jovens leitores por meio da literatura. Acreditamos que mais análises críticas localizadas, reunindo-se *corpora* de textos selecionados, municipal, estadual e nacionalmente podem ser um primeiro passo para o estabelecimento de um sistema literário autocrítico, servindo aos objetivos de melhorar o programa, as obras e a recepção dos textos de literatura juvenil em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, B. **A literatura juvenil na escola**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

CARRANCA, A. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. Ilustrações de Bruna Assis Brasil. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

CECCANTINI, J. L. C. T. **Uma estética da formação**: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997). 2000. 462p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2000.

COSTA, W. **Quando meu pai perdeu o emprego**. São Paulo: Richmond Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **EDITAL DE CONVOCAÇÃO 01/2018 – CGPLI**. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas e literárias para o Programa Nacional do Livro e do material Didático PNLD 2020. Brasília, DF: Ministério da Educação, 27 mar. 2018.

LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência**. Traduzido por Andréa Máris Campos Guerra... [et al.]. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

MALDONADO, M. T. **A face oculta**: uma história de bullying e cyberbullying. Ilustrações de Manuela Eichner. São Paulo: Editora Todas as Letras, 2018.

PONTES, F. E. C. PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO PNLD LITERÁRIO 2020. **Revista Alere**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 251–270, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/4846>. Acesso em: 18 jul. 2023.